

# ETNOGRAFIA DA ESPERA: A METÁFORA DO CAMINHO E SUAS IMPLICAÇÕES E EXPECTATIVAS ATRAVÉS DA FILA DE VACINAÇÃO DA COVID-19

ETHNOGRAPHY OF WAITING: THE METAPHOR OF THE PATH AND ITS IMPLICATIONS AND EXPECTATIONS THROUGH THE COVID-19 VACCINATION QUEUE

Recebido em: 11 de setembro de 2021

Aprovado em: 25 de novembro de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RCO | a. 14 | v. 1 | p. 22-45 | jan./jun. 2022

DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.2879>

**Maria Carmencita da Felicidade Job** *mariacfelicidade@gmail.com*

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Diretora de Pesquisa Aplicada no Laboratório de Pesquisa do Comportamento [Ox]igênio (Porto Alegre/Brasil).

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar narrativas biográficas de quatro pessoas que estavam na fila de vacinação do Posto Modelo, no Bairro Farroupilha, na cidade de Porto Alegre. O campo foi executado durante o mês de outubro de 2021. A proposta visou a discutir, através de uma etnografia da espera, suas memórias implicadas quanto à pandemia de Covid-19, assim como as suas expectativas sobre o seu momento de vacinação. Para articulação do campo e elaboração das perguntas, foram separadas três categorias: "Os sentimentos desta Espera", "As Implicações nas narrativas biográficas" e "Pós-Vacina: expectativas sobre o futuro". O campo apontou que diferentemente do esperado, as pessoas não estavam necessariamente se vacinando como uma expectativa de superação da pandemia de COVID-19, o que acabou por revelar um conflito entre crenças individuais, dever cívico e preocupação com o coletivo.

**Palavras-chave:** Espera. Pandemia. Narrativas biográficas. Vacina covid-19. Fila.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the biographical narratives of 4 people who were in the vaccination queue at Posto Modelo, in Bairro Farroupilha, in the city of Porto Alegre. The camp was run during October 2021. The proposal was to discuss, through an ethnography of waiting, their implied memories about the Covid-19 pandemic as well as their expectations about their moment of vaccination. To articulate the field and elaborate the questions, 3 categories were separated: "The feelings of this Waiting", "The Implications in the biographical narratives" and "Post-Vaccine: expectations about the future". The field pointed out that, differently from what was expected, people were not necessarily getting vaccinated as an expectation of overcoming the COVID-19 pandemic, which ended up revealing a conflict between individual beliefs, civic duty and concern for the collective.

**Keywords:** Waiting. Pandemic. Biographical narratives. Covid-19 vaccine. Queue.

## **1 INTRODUÇÃO**

Sou moradora do bairro Farroupilha, situada entre os bairros Bom Fim e Cidade Baixa, localizado na cidade de Porto Alegre. E desde abril de 2021, vejo, da janela de meu apartamento, uma fila para vacinação da Covid-19 se formar todos os dias a partir das 7h da manhã, indo até 17h da tarde. É interessante observar como esta fila veio ganhando contorno ao longo dos meses, dias e horários, configurando-se de múltiplas formas, em função das necessidades de organização do Posto de Saúde Modelo, local de grande relevância para a vacinação da região do centro e suas fragmentações do entorno da cidade.

Desde a primeira vez que enxerguei esta fila, questões motivadas sobre as narrativas pessoais daquelas pessoas, me fazia refletir diariamente, sobre quem estava naquele pedaço, trecho ou mancha (MAGNANI, 2012) visto de minha janela. Estes contornos diários me fizeram pensar nas histórias daquelas pessoas e quais sentimentos faziam parte daquele momento. A presença da fila aguçou o meu olhar antropológico, ao passo que comecei a elaborar mentalmente, e ainda de modo despretenso, algumas perguntas sobre as expectativas daquelas pessoas e os sentimentos que possuíam sobre aquele momento de espera da vacinação.

Algo como: Quais pessoas estariam lá? Será que elas tinham perdido alguém durante o período de pandemia? Que histórias de vida foram implicadas por esta espera? O que as mobilizam naquela fila? Tudo isso me fazia questionar quais eram as diferenças daquelas pessoas postas ali, naquela fila, registradas por histórias pessoais não declaradas, mas que o caminho metafórico da fila poderia me ajudar a pensar, já que a fila é um ambiente democrático e comunitário e que, supostamente, todos deveriam se submeter a se vacinar. Partindo dessa inquietude, decidi elaborar um estudo através de entrevistas feitas durante outubro de 2021. O objetivo era mapear narrativas daquele momento, junto a possíveis sentimentos e lembranças da pandemia, dessa vez, corporificados na fila de vacinação. Em suma, busco discutir antropologicamente, os efeitos produzidos nas histórias de vida, através das memórias da pandemia e suas suspensões e expectativas de futuro, colocadas pela fila de vacinação, que serviu de dispositivo etnográfico e, também, de metáfora deste caminho de “espera” em processo de superação da pandemia de Covid-19.

## **2 PROBLEMA DO ESTUDO E QUESTÕES TEÓRICAS**

Este estudo parte de uma inquietação sobre quais questões as pessoas na fila de vacinação para a Covid-19 carregam. Sua escolha deve-se, pois acredito que a análise das narrativas biográficas dessas pessoas, pode ajudar a registrar antropologicamente como as pessoas lidam/lidaram com o contexto

pandêmico. A proposta investigada visa a entender como foi absorvido este sentido de “espera” na pandemia, verificando se este momento trouxe implicações a questões específicas e quais são estas. Para tanto, busquei também entender as expectativas sobre o futuro pós-vacina, anunciada pela metáfora do caminho percorrido até o momento de tomar a dose da vacina contra Covid-19.

Segundo Castro (2021) as vacinas e a vacinação são fundamentais para enfrentarmos a pandemia, entretanto, essa não nos revela um regresso ao “normal” anterior aos tempos pandêmicos. Portanto, o nosso desafio com este estudo, é problematizar a reinvenção radical do nosso presente e futuro, abrindo espaço para narrativas biográficas que remontam a ideia de “espera” na pandemia, através das emoções experienciadas, mas que também podem deixar rastros sobre as expectativas destes novos tempos pós-vacinação. Como a pandemia da Covid-19 pode ser considerada um “choque profundo (...) colocando em evidência a crise de prestação de cuidados” (SANTOS, *et al.*, 2020, p. 2) e como problematiza Veena Das (2020), na pergunta: “Como poderemos pensar a relação entre o humano e um humano a partir do encolhimento de seus mundos?”.

Posso dizer que este é um exercício de elaboração e aprendizado sob as consequências da crise sanitária mundial, abarcada em nossas vidas através de pontos de vista distintos, em especial pela continuidade da vida, frente ao temor desta doença e a banalização das informações, advinda do nosso atual presidente, Jair Bolsonaro. Para tanto, e após estes quase dois anos de isolamento social, começamos a vislumbrar as possibilidades e saídas devido a aceleração da vacinação em algumas regiões. E como comentado, acredito que a fila se transforma na metáfora desta espera a partir do reflexo de nossa sociedade, sendo a mesma um dispositivo de coleta amplificado por este momento de espera pelo fim do tempo pandêmico.

Para isso, parto da análise de Roberto DaMatta (2017) com seu livro “A fila e a democracia” com objetivo de me ajudar a pensar sobre esta etnografia aqui realizada, a partir do ponto de vista da fila e seus marcadores políticos. Para pensar esta espera, busquei então trazer um olhar a partir de metáforas sobre a ótica deste caminho, sob o ponto de vista da Covid-19, onde utilizei o artigo “COVID-19 e suas metáforas” de Túlio Maia Franco (2020), que me ajudou a pensar através dos depoimentos que coletei, quais metáforas encontro neste caminho. Para coleta de narrativas biográficas, utilizei as autoras Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende (2011) para dar contorno a esta “espera”, identificando as categorias psicológicas e comportamentos atuantes destes atores sociais, indispensáveis para a descrição dos fatos, criando uma espécie de categorização destes sentidos.

Também busquei traçar uma perspectiva de futuro a partir do presente, isto é, parto do princípio que uma proposta de futuro começa naquele lugar de vacinação. E neste sentido, trabalho sob a lente de

Boaventura de Sousa Santos (2021) dilatando a ideia central de seu livro “Da pandemia à utopia”, produção que traz seus diagnósticos preliminares sob a ideia de futuro, sobretudo a partir da ideia de futuro no sul global, traduzido pelo espaço-tempo político, social e cultural. Santos (2020) também procurou pensar o vírus sob a ideia de metáfora capitalista, através do estudo sobre a pedagogia do vírus, escrito sob o contexto intenso e dilacerado da pandemia, em abril de 2020.

Partindo das reflexões desses autores, três perguntas nortearam as entrevistas e o estudo: a) Quais questões estão delimitadas pelos atores sociais distintos da fila e sua ideia de “espera”? b) Quais contextos dentro das narrativas biográficas que foram implicadas no contexto de pandemia da Covid-19? c) Quais são as expectativas de futuro após a vacinação?

E por todas estas questões acima apresentadas, escolhi realizar uma etnografia da espera na fila de vacinação para Covid-19, que contorna o Posto de Saúde Modelo, no bairro Farroupilha da cidade de Porto Alegre. Os aspectos metodológicos serão discutidos no tópico a seguir. Dentro disso, meu interesse foi colocar em diálogo elementos etnográficos produzidos nesta investigação, tendo como eixo principal a discussão em torno das ambivalências das emoções e tensões implicadas em suas histórias, em relação a uma suposta espera pela vacina do Covid-19.

### **3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS**

Para alcançar o objetivo deste estudo, elaborei uma etnografia fundamentada na coleta em torno das narrativas de vida, através de relatos biográficos, abarcadas pela experiência vivenciada no período de pandemia sobre a ideia de espera. Para isso, conversei com 21 pessoas e quatro foram selecionadas como interlocutoras para a realização de entrevistas em profundidade. É importante destacar que todas as entrevistas foram feitas no local alocado pelo Posto Modelo, local de vacinação da Covid-19.

Para cumprir o arcabouço metodológico proposto, elaborei uma descrição densa do espaço de vacina, seus rituais de espera na fila e procurei evidenciar, através de imagens, os símbolos que produziam a mensagem da identidade daquelas pessoas (GEERTZ, 2009). Neste sentido, descrevi a perspectiva da “fila”, a partir destes dispositivos, assim como a recepção destas pessoas naqueles ambientes, pois trata-se de um dos principais locais para a vacinação e seleção de pessoas, sendo este, o lugar em que fiz a maior parte da minha observação participante (FONSECA, 1998). Com isso, analisei relatos, garantindo espaço para uma coleta oral e imagética, dos pontos de vista desta “fila” e desta “espera” investigando – através das narrativas biográficas – a ideia de memória (ROCHA; ECKERT, 2013) e o seu cotidiano na pandemia.

No percurso de escuta que foi identificando os efeitos desta etnografia da “espera” e suas implicações sobre as narrativas biográficas (ROCHA; ECKERT, 2013) que se localiza através do encontro das subjetividades do “outro” através de fragmentos (VELHO, 1994) de suas histórias de vida, em forma de depoimento oral. A proposta de coleta destas narrativas, registradas em torno desta espera da vacina, aporta negociações diretas através de entrevistas em profundidade e suas questões em torno do uso de relatos.

É importante ressaltar, que embora eu tenha buscado coletar histórias que trouxessem alguma relevância ao momento pandêmico, propus também, em grande medida, levar em conta as diferenças entre estes perfis, e seus marcadores de classe, raça, gênero, ocupação profissional e local de residência na cidade de Porto Alegre. Para tanto, o objetivo foi interpretar esta pluralidade de contextos, estilos de vida e capitais culturais e sociais (BOURDIEU, 2011), possibilitando uma análise que trouxesse uma perspectiva ampliada sobre a totalidade deste recorte.

Ademais, realizei imagens sobre a perspectiva desta espera, onde, ao final da entrevista, os sujeitos selecionados, mostraram alguma de suas particularidades ao invés de um registro em forma de retrato simples. Destaco ainda, que os nomes reais dos interlocutores foram substituídos por nomes fictícios, com a intenção de preservar a identidade dos interlocutores envolvidos. Dentro disso, aporto a sistemática que dá início aos depoimentos, onde foram divididos em três fases, discutidas abaixo, para o desenvolvimento das análises junto dos achados de pesquisa, se desdobrando em uma discussão articulada entre a literatura e os resultados do campo.

Neste sentido, a primeira questão articulada foi “Os sentimentos desta Espera”, tendo como intuito entender o que significou esta suposta espera para os atores sociais, e quais foram seus sentimentos sobre a pandemia. A segunda categoria busca tratar sobre “As Implicações nas narrativas biográficas” onde identifico as questões atravessadas neste período de suas vidas. E por último, investigo as correlações “Pós-Vacina: expectativas sobre o futuro”, que analisa as contribuições para um futuro localizado no presente e agenciado pela metáfora do caminho, sobre a ideia de tomar a vacina como começo de alguma coisa, dado pelo sentimento de espera e dispositivo da fila de vacinação.

#### **4 DESCRIÇÃO DO CAMPO E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesse exercício etnográfico, faço uma análise das narrativas relacionadas ao contexto atual sobre a ideia de espera da pandemia, partindo do dispositivo da fila da vacina da Covid-19. O local destinado para a coleta dos dados, refere-se à alocação de vacinação da Covid-19 do Posto de Saúde Modelo, espaço

situado no bairro Farroupilha, em Porto Alegre. O campo aconteceu em outubro de 2021, e iniciei as observações em três turnos de quatro horas cada, todos realizados no espaço do Shopping João Pessoa. Sendo dois dias de semana, e um sábado do final de semana. O primeiro dia no período vespertino, das 14h30 às 18h30. O segundo dia no período da noite das 18h às 22h. E o terceiro dia no final de semana, aconteceu em um sábado de muito sol, no final do período matutino das 11h às 15h.

A minha chegada ao campo, inicia-se com uma bela surpresa: duas acadêmicas de enfermagem, solícitas e acolhedoras, que permitiram minha estada no local com flexibilidade, além de me ajudarem com indicação de possíveis perfis e histórias interessantes. Neste sentido, contei com o filtro das próprias acadêmicas, nativas do local, ouvindo de perto, suas perguntas que direcionavam as pessoas para fila correta da vacina. Este filtro foi usado como meio de validar o meu primeiro contato sob os possíveis interlocutores para a pesquisa. Como mencionado, a minha proposta de coleta partiu das conversas de 21 narrativas biográficas, como modo de uma primeira sondagem, realizadas todas no espaço alocado pelo Posto de Saúde Modelo. Dentre as 21, selecionei 4 pessoas para as entrevistas em profundidade, de perfis e desdobramentos díspares, com o objetivo de ampliar e dar contorno sobre os efeitos desta espera pela vacinação.

Para tanto, propus olhar a fila como um espaço democrático e igualitário de valor social. Entretanto, “num sentido mais profundo, ela exprime a dialética entre igualdade e desigualdade” (DAMATA, 2017, p. 10), já que a mesma oportuniza vivenciar a estrutura elementar da democracia em sua totalidade (DAMATA, 2017). Sendo a “fila” um dispositivo de abertura ao simbolismo da “espera” no sentido real e concreto. Remontando assim, as histórias da pandemia, seus imbricamentos, implicações e efeitos na vida daquelas pessoas que puderem vivenciar este momento de crise e puderam sair vivos, podendo hoje falar sobre este caminho até a chegada do momento de estarem no espaço de vacinação.

Dito isso, ressalto que o objetivo de usar a fila como fio condutor, possibilita estabelecer a metáfora deste caminho na pandemia. Neste sentido, as histórias coletadas e descritas em destaque, através dos depoimentos abaixo, partiram do ponto concreto desta espera, abrindo espaço para sentimentos “[...] matizados pelas maneiras de agir, de pensar e de sentir, que representam propriedades marcantes destas consciências individuais, e que expressão a natureza social destas maneiras” (COELHO; REZENDE, 2011, p. 8). Para tanto, busquei traçar, uma linha invisível de um ponto ao outro, junto desta espera, a partir dos sentimentos e expectativas destas pessoas e seus futuros pós-vacinação.

Minha atuação nestas 12hs de campo, em convivência com os profissionais da saúde, fez com que eu pudesse observar também, os tempos de espera sob a ótica dos profissionais do cuidado. Afinal, são eles que vivem cotidianamente com aquele momento, fazendo com que eu escolhesse uma das

acadêmicas que me receberam para ser uma das quatro pessoas entrevistadas em profundidade. Trata-se de Dariane, que será melhor apresentada posteriormente. Para dar ênfase à seleção dos demais perfis delimitados, realizei a observação em um modo de “espera” participante, em meio a fila, buscando selecionar perfis sociais em dias e horários distintos, com objetivo de coletar histórias que amplificassem do particular ao geral (FONSECA, 1998), as narrativas biográficas e seus efeitos na pandemia.

Neste sentido, o meu ponto de partida foi a recepção. Este local “de começo” que fazia com que eu pudesse observar a dinâmica da vacinação, identificando possíveis interlocutores e entendendo como estava se dando as abordagens de entrada e saída no espaço da fila. Este ponto, fez com que eu tivesse uma visão e escuta das pessoas e suas histórias. Na recepção, também pude perceber as pessoas mais abertas e desembaraçadas para contar sobre si. Este tratamento sobre esta primeira escuta, já me permitia selecionar algumas pessoas para conversar, me encaminhando pouco a pouco, de forma cuidadosa, para os espaços da fila, para então, realizar estas conversas. Uma questão desvelada no interim do espaço da fila, é que as pessoas se mostraram muito mais abertas a troca de modo impessoal e naturalizado, notando que, “do último ao primeiro”, como traz DaMata (2017 p. 15), as pessoas se deslocam a esta informalidade, fazendo com que eu utilizasse a “informalidade como método” de abordagem, em contrapartida ao sistema aristocrático hierarquizado e extremamente organizado do espaço de saúde. Afinal, estava em um Posto Saúde Modelo.

Numa perspectiva espelhada sobre a metáfora do caminho de pesquisa, sou inspirada por Franco (2020) ao descrever sobre os meus interlocutores, com ênfase em seus sentidos da pandemia a partir da metáfora de suas emoções. Esta forma de trazer sujeitos sociais a partir de suas angústias, incoerências e incompletudes, abre espaço para discutirmos suas mobilizações e ideologias, através das suas narrativas biográficas. Neste sentido, possibilito expandir a ideia de espera a partir de outras dimensões, provenientes de seus abrigos, que foram atravessados por suas histórias de vida. Ou seja, sentimentos ampliados pela pandemia e espelhados pela possibilidade performática e corporificada do estado presente da fila de vacinação para a Covid-19. Apresentados esses pontos, minha busca por estes circuitos metafóricos, a partir de histórias de vida, busca relevância e contribuição através de uma investigação presencial, *in loco*. Abaixo descrevo de forma sistemática sob o ponto de vista do campo, os depoimentos diretos e, introduzo também, alguns aspectos já analisados em desdobramentos para as discussões posteriores, junto à literatura.

A primeira interlocutora foi Rosa. Ela tem 45 anos, é agente socioeducadora da FAZ, atividade comumente chamada de “carcereira”, do espaço socioeducativo para pequenos infratores da Cidade

Baixa, em Porto alegre. Abaixo, uma foto de sua espera preocupada, sobretudo pela falta de cuidado do Estado, frente a sua categoria de trabalho marginalizada.

**FIGURA 1**



**Fonte: A autora (2021)<sup>1</sup>**

Em correspondência com a metodologia utilizada, ao ser perguntada sobre os seus sentimentos de espera, Rosa conta sobre os processos dos quais viveu, onde o Estado se coloca em um lugar de neutralidade diante de sua atuação profissional de risco.

Descaso. Passei a pandemia inteira muito preocupada com o fim da nossa função como agentes socioeducadores “carcereiros” da FAZ. Nós não fomos beneficiados em nada na pandemia. Porque nós ficamos no meio termo, nós não somos polícia, mas trabalhamos com os mesmos delitos que, pra nós, são atos infracionais, sendo a mesma coisa, já que é a mesma clientela, só que nosso trabalho vai mais para área educacional. Somos totalmente marginalizados. A nossa profissão é marginalizada. A nossa função não condiz com o cargo de agente socioeducador. O socioeducador abrange escolinha, creche, abrigo, e a nossa clientela não é essa. É o menor infrator, morador de rua, todos eles são um baita risco. (ROSA, 2021).

<sup>1</sup> Registro feito pela própria pesquisadora em campo, com o objetivo de descrever visualmente as particularidades, comportamentos e sentimentos dos interlocutores pesquisados. No caso, Rosa, desde que chegou na fila, mesmo falante, desabafou para todos em volta o seu estado de angústia. Ela foi levar a sua mãe para tomar a terceira dose da vacina, e queria também poder ter tomado a terceira dose, já que se considera de risco por ter comorbidades e por trabalhar na linha de frente com jovens infratores. Ela passou o tempo todo com os braços cruzados, como se necessitasse de uma espécie de escudo de proteção, para se defender daquele local institucionalizado. Mesmo desabafando sobre seu momento profissional, tratava-se de uma mulher que estava vivendo sob constante risco de contaminação de si e de sua família.

Pela fala da primeira interlocutora, fica evidente o seu sentimento sobre a falta de cuidado com o serviço público e atenção ao profissional agente socioeducador. Como ela relata, está na linha de frente, que tem que deixar um legado, saindo de casa todos os dias para trabalhar e, possivelmente, voltando com o vírus para dentro de casa, além de dar conta de ser invencível em tempos com regras e protocolos periclitantes. Ainda seguindo as entrevistas em profundidade, busquei articular as “implicações nas narrativas biográficas”, assumindo a partilha sobre os agenciamentos das suas práticas que convoca no seu cotidiano e de sua família, junto de seu trabalho como “carcereira” da FAZ. Ao falar sobre isso, Rosa diz:

A vida foi um caos. Angustiante. Eu tenho minha mãe com Alzheimer, com 83 anos, eu sou de risco e meu filho é de risco. Eu tenho problema respiratório, asma. Eu peguei o Covid-19 duas vezes. A primeira vez em Agosto em 2020, e a segunda vez em Julho de 2021, mesmo já tendo feito as duas doses da vacina. Eu contaminei todo mundo na minha casa. Passei para minha mãe, filho e cuidadora da minha mãe. (ROSA, 2021).

Rosa é mãe solteira, cuida de sua mãe e lida com sua vida financeira em laço de dependência com o Estado. Em sua fala notei a sua preocupação com a falta de garantia da vacinação, pois mesmo depois de duas doses, tinha o risco de contrair de novo o vírus Covid-19. Já que foi contaminada duas vezes. Sua preocupação refere-se a uma possível transmissão a toda família, o que gera insegurança de sair de casa. Esse conflito apresenta-se como um dilema, pois a interlocutora precisa trabalhar para sustentar a família. Ao fim, em articulação com a segregação da última categoria, trago as capturas do sentido Pós-Vacina: expectativas de um futuro reiterado pelo descuido do Estado sobre sua categoria de trabalho. Neste sentido, Rosa fala:

Nós, profissionais agentes socioeducativos, sendo carcereiros da FAZ deveríamos ser beneficiados com a terceira dose para termos uma maior garantia. Já os agentes penitenciários do presídio de adultos tiveram maior garantia de segurança muito antes de nós. E eles não trabalham tão junto, quanto a gente. Perdemos dez colegas contaminados, e mesmo assim nós não fomos beneficiados. (ROSA, 2021).

É possível notar em sua fala a preocupação com a segurança sanitária para trabalhar, ainda que ela exerça atividades de contato tão perigosas como outros profissionais que já tiveram acesso à terceira dose, ela iguala a sua categoria, com a dos carcereiros tradicionais, dos presídios de adultos infratores. Segundo ela, seu trabalho com os jovens é muito mais próximo do que dos carcereiros “tradicionais”, e que deveria ter maior condição à benefícios para poder realizar a terceira dose e garantir a sua maior tranquilidade e proteção.

O segundo interlocutor foi Fabrício. Ele tem 43 anos, é vigilante, cuidador de idosos e músico. Mora em Viamão, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Abaixo, uma foto que registra a sua espera, que nos últimos meses mobilizou outros caminhos. E que no caso de Fabrício representa a sua resistência à ideia de tomar a vacina.

**FIGURA 2**



**Fonte: A autora (2021)<sup>2</sup>**

Para iniciar o meu contato com o Fabrício, começo perguntando sobre os seus sentimentos de espera. Este primeiro contato tem o objetivo de trazer à tona os seus depoimentos em uma categoria de relações sobre este lugar de espera, onde Fabrício relatou:

Pra quem gosta de ler e tenta entender como está funcionando as coisas no mundo, é complicado. Então eu tive certa resistência de não vir tomar e pesquisar todas as vacinas, até porque o vírus é um vírus estranho. Eu tenho histórico de não ficar doente,

<sup>2</sup> Registro feito pela própria pesquisadora em campo. Fabrício chegou aberto à conversa e queria contar a sua justificativa para não ter tomado a vacina: que acatava a indignação de sua esposa, indo se vacinar naquele mesmo dia para poder continuar em regulação com o trabalho de cuidador de idosos. Fez questão de mostrar o documento e disse que agora fazia parte do grupo dos que pertencia a ala ética da vacinação. Se emocionou ao contar suas histórias de cuidador de homens bacharéis e juízes, que ele chama com orgulho de “doutor”. Ele pediu que eu enviasse a gravação da entrevista para sua mãe, pois sabia que ela ia gostar de saber do seu ato de se vacinar e ainda ser entrevistado. Disse que aquele dia era um dia de sorte.

tenho 43 anos e não fico doente nunca. Automaticamente eu estou bem de saúde, me alimento bem, faço esporte, não tenho nada, não tem porque eu ir para algum lugar ou ficar internado. E de certa forma eu me tranquilizei, pois eu trabalho com o meu corpo. Eu falo com o meu corpo: vamo se segurar! Eu sei que eu sou forte, mesmo sendo um vírus misterioso, tudo bem, mas eu confio nos meus anticorpos. Então, tudo isso acarretou para eu ir resistindo e contribuiu para esta espera. (FABRÍCIO, 2021).

Como é possível observar, o interlocutor confia no seu corpo e na sua performance de atleta. E parece ter grande resistência em entender o seu papel social, a partir de uma visão mais comunitária. No que se refere à imunização, a sua “espera” foi resistir em se vacinar. Aqui é verificado que o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, em 24 de março de 2020, onde traz o depoimento em rede nacional, de que o novo coronavírus é só uma “gripezinha”, colocando em risco somente pessoas acima dos 60 anos, começa a dar sinais da sua lógica de governo que tenta criar adversários, transformando a sua campanha a favor de heróis “atletas”, em seus seguidores.

Em minha busca por suas implicações em sua narrativa biográfica, Fabrício revela o impacto pessoal e emocional da pandemia em sua vida. Em suas palavras:

Perdi amigos, perdi parentes. São muitos números e um monte de mentiras, tudo isso deixa a gente receoso. Tavam matando gente e dizendo que era Covid e não era. Fui muito resistente neste negócio de tomar a vacina desde o começo, vi muita coisa acontecer que acaba confundindo a gente. O nosso próprio presidente incentivava a não tomar. Mas não é por causa dele que eu não tomei até agora, pois eu não gosto desta política dele, mas o que me deixou fragilizado mesmo, foi a autoridade maior não me passar a confiança. Não tenho partido, não tenho nada. Mas se o presidente não me passou confiança, e eu já tenho na minha cabeça que estes caras fazem guerra química, e tal, é um monte de coisas na cabeça da gente. Eu tenho medo destas vacinas. Tenho medo de agulha. Este tempo que eu não me vacinei eu queria mais respostas, resultados e sem confusão política. Mas do jeito que está, os próprios políticos confundem a gente. É por isso que eu não voto há 18 anos. Pago 6,50 de multa, mas pelo menos eu fico com a consciência tranquila. Mas eu acho que desta vez, com o Bolsonaro, eu não votando eu ajudei alguma coisa, vou repensar nesta próxima eleição. Dai eu vou ter que repensar isso aí também. Pior, né? Mas eles me decepcionam, não tem ninguém capacitado. Eu achei que ele era capacitado, mas não foi, o outro aquele (Lula), eu amava ele, e ele era capacitado, mas também deixou furo. Eu não quero mais ser trouxa e me sentir usado. E é o que eles fazem com a gente. (FABRÍCIO, 2021).

Segundo o relato do interlocutor, o presidente se apresenta como algo quase onipresente mostrando que seus seguidores continuam ativos na prática negacionista. Também notei que as ações de Fabrício estão frequentemente amparadas por notícias falaciosas e de credibilidade turva, uma vez

que acredita que o vírus seja uma conspiração. Neste sentido, Fabricio adota a contenção acatada pelo próprio ministro da saúde na época, Luiz Henrique Mandetta, pedindo a suspensão do confinamento e de medidas de isolamento social, junto do voluptuoso arranjo contra o fechamento do comércio frente aos prejuízos econômicos que isso poderia acarretar ao país.

Em coerência com a última categoria, ao ser inferido sobre seu agenciamento a partir dos elementos que qualificou a este processo pós-vacina e suas expectativas com o futuro, Fabrício me disse que:

Eu queria saber mais notícias, estavam fazendo vacina nova e está sendo agora aprovada. Mas eu ainda não estava convencido de fato. Mas o fato de eu estar trabalhando com idosos, daí não adianta, todo mundo imunizado em casa. Eu fiz uma cirurgia há dois meses de hérnia, fizemos os exames e o vírus não passou pelo meu corpo, e eu me dou com todo mundo. Mas minha mulher me incomodou. Ela me insistiu e disse que eu precisava regularizar isso aí. Vamos seguir o protocolo, seja o que Deus quiser. Mas eu fui convencido mesmo, foi pela minha esposa a tomar a primeira dose da vacina hoje, pois estou trabalhando e cuidando de idosos. Agora eu me sinto incluído e mudam os números de pessoas que foram tomar a vacina. Antes eu estava neste grupo, agora não. E continuo com o protocolo de segurança, não vou amolecer. (FABRÍCIO, 2021).

Em seu relato foi percebido que o interlocutor se sente fortalecido pelo seu histórico de atleta, oriundo dos depoimentos do atual presidente, e que foi somente tomar a vacina por causa do trabalho e pelo protocolo ético que regulariza a sua categoria atual de cuidador de idosos, pois se trabalhasse apenas como vigilante ou músico, continuaria sem tomar. E que a insistência para esta iniciativa acontecer, foi de sua mulher, que tem comorbidades. Ainda assim, Fabrício colocou em risco o cuidado com os membros da sua própria família, ao resistir até outubro de 2021.

A terceira interlocutora é Dona Regina. Ela tem 85 anos, é aposentada de seu ofício que perdurou durante 40 anos, como cuidadora de idosos. Mora no Bairro Santana, Porto Alegre. Abaixo uma foto que registra a sua espera, ou melhor, da sua resistência.

**FIGURA 3**

**Fonte: A autora (2021)<sup>3</sup>**

O meu contato com Dona Regina se deu através de uma pergunta feita por ela, que buscava esclarecer sobre qual fila ela deveria se direcionar. Achei ela muito simpática. Estava com um laço jovial no cabelo e, aproveitei, e comentei que estava fazendo um estudo sobre a espera da vacina. Dona Regina logo quis se justificar sobre o porquê estava indo somente agora tomar a primeira dose da vacina. Sua enteada, muito rapidamente, atravessou em sua frente e começou a introduzir a história de que Dona Regina era muito teimosa, e que estava indo só agora porque queria ir viajar para ver sua família em Alegrete, e para sair da cidade precisava estar com todas as vacinas em dia. Neste sentido, para iniciar o meu contato com Dona Regina, lhe perguntei sobre a sua espera, ou seja: Por que a demora por se vacinar? E ela me disse,

---

<sup>3</sup> Registro feito pela própria pesquisadora em campo. Dona Regina é viúva há 8 anos e chegou com sua enteada pela mão. Hoje é ela quem cuida de Dona Regina, leva almoço e vai vê-la todos os dias, em sua casa. Dona Regina gosta muito de morar sozinha.. Chegou toda arrumada no Posto de vacinação para tomar a sua primeira dose. Tinha unhas muito bem-feitas na cor lilás antigo e um laço de fita na cabeça. Estava maquiada e vestia um conjunto de blusa, calça e casaco todo monocromático na cor bege. Trazia um ar de elegância e sofisticação. Parecia investir bastante em cuidado pessoal e estética. Sua enteada, filha de seu marido que faleceu, disse que ela é muito vaidosa e se cuida muito. Chegou muito feliz ao local para resolver o que precisava ser feito, para então, poder ir viajar para Alegrete, sua cidade de origem, pois desejava ver seus parentes.

Na verdade, eu achei que não precisava me vacinar. Então esperei até onde deu, pois não queria ficar saindo de casa. Veja só, eu passo o dia todo em casa sozinha. Cuido da minha louça, limpo a casa e faço todos os afazeres domésticos sozinha, não achava que precisasse vir me vacinar se fico todo tempo sozinha. Achava que não tinha risco eu estando em casa. O vírus está na rua, e se fico em casa não pego o vírus, não é? Por isso estou indo tomar vacina agora, pois preciso viajar e pedem a carteirinha de vacinação na companhia do ônibus para eu ir viajar. (DONA REGINA, 2021).

Dona Regina pareceu ignorar a condição severa de sua idade, algo que a faz prioridade na categoria de vacinação. Para ela sua condição física que a permite fazer “tudo” sozinha, lhe garantia segurança, fazendo-a achar que estava tudo bem. É interessante ver que seu relato está amparado por uma suposta disciplina em não sair de casa, adiantando que se estava o tempo todo sozinha, e envolta ao ambiente doméstico, não tinha nenhum problema. Desse modo, ir tomar a vacina não era o mais importante até que surgisse uma necessidade concreta: a de ir viajar é um exemplo.

Na pergunta dirigida a Dona Regina sobre as implicações da sua narrativa biográfica, vista a partir desta espera, ela traz o passado e remonta a categoria do cuidado, ambiente este do qual vivia com seu marido e sobre a condição do seu próprio ofício como cuidadora de idosos. Ela diz,

Sou viúva e sofri muito com a partida do meu marido. Ele morreu há 8 anos. Depois disso minha vida ficou muito sem graça. Mas quem me ajudou muito e cuidou de mim, foi minha enteada. Ela é como se fosse uma filha pra mim, mas é filha dele. Veja bem, eu passei a vida toda cuidando dos outros na minha profissão, agora é ela quem cuida de mim. Todos os dias ela me traz almoço, fica um pouco comigo. (DONA REGINA, 2021).

Neste sentido, o ambiente doméstico para Dona Regina, traz a sensação de proteção, incorporado por sua independência física e agentiva, fazendo-a se sentir imunizada do espaço público, ao estar dentro de sua própria casa, ainda que sua enteada fosse vê-la todos os dias. O que significa que o vírus tinha a possibilidade de entrar em sua casa, mesmo sem Dona Regina nunca ter saído dela. Aqui pode ser percebida uma dilatação da ideia do vírus como algo “estranho” junto da analogia do público e desconhecido sobre a imagem turva da presença do vírus.

Já sua enteada, pessoa da família, nem se quer cogitou a ideia do risco. Visto que a mesma, também estava sob a condição de estar imunizada pelo sentido da proteção do ambiente doméstico. Diante da sua condição, Dona Regina, que durante toda a pandemia praticamente ignorou a periclitância do vírus, responde suas considerações sobre o futuro, quanto a ideia de vacina:

Sou muito abençoada e muito positiva. Acho que isso faz a diferença, viu? O que eu quero mais da vida? Estou muito bem, agora vou até ver os meus parentes e encontrar pessoas que não vejo há anos. E pra ir vê-los, tive que vir até aqui fazer a vacina. Não doeu nada, nem senti a agulha. A minha profissão me deu muita sabedoria. Todo este tempo de cuidadora estava me preparando para saber cuidar de mim. Agora vacinada estou pronta para poder ir viajar. (DONA REGINA, 2021).

Tratando-se do seu momento pós-vacina, as expectativas de futuro de Dona Regina estavam imbricadas com sua liberdade de poder viajar, resgatar a sua origem e ficar perto de sua família. A interlocutora queria muito ver a família e se sentir mais confortável, pois se sentia muito sozinha e, apesar da presença da enteada, tinha muita saudade dos familiares que deixara em Alegrete, mas com a vida corrida que tinha de cuidadora, não tinha tempo para vê-los.

A quarta interlocutora é Dariane. Ela tem 35 anos, é acadêmica de enfermagem e faz parte do grupo de colaboradores da instituição do Posto Modelo, trabalhando como estagiária fixa. Mora no bairro Maitá, em Porto Alegre. Abaixo uma foto que registra a sua mobilização expressa na ajuda a pessoas que nunca viu, mas que necessitam de acolhimento, informação e paciência, diante de tantas incertezas e fragilidades da pandemia.

**FIGURA 4**



**Fonte: A autora (2021)<sup>4</sup>**

Diante da sua condição, Dariane, que durante toda a pandemia praticamente viveu dias de muita angústia e cansaço, me responde suas considerações sobre sua “espera. Em suas palavras,

A espera de chegar tudo ao normal. Pois eu tinha medo de chegar perto de alguém. Tinha muitos sentimentos de tristeza, angústia e depressão. Passei pela questão do julgamento em muitos lugares. Fui no salão de beleza que sempre ia fazer as unhas, por exemplo, e havia uma plaquinha dizendo que não atendia profissionais da saúde. Os profissionais da saúde passaram por esta questão de preconceito. Foi muita decepção por estar lutando por todos e ao mesmo tempo estar sendo julgada. É uma carga que vai demorar para passar. Quando eu falo em carga pesada, eu me lembro muito de eu fechando os sacos e colocando as pessoas, fazendo os tamponamentos. Os familiares

<sup>4</sup> Registro feito pela própria pesquisadora em campo. Dariane faz parte do meu primeiro mapeamento no local, começando pela observação concreta institucional. Ela foi a responsável por eu poder estabelecer uma relação de envolvimento com o local de pesquisa, se tornando ao final, uma das acadêmicas de enfermagem participantes da minha observação, em função do seu apoio incansável, me dando orientações de pessoas da fila, da qual eu pudesse me interessar pelas histórias. Seu comportamento comprometido e dedicado à recepção e acolhimento de pessoas na fila, sobretudo idosos, fez com que eu me aproximasse e fosse de pouco a pouco perguntando sobre a sua história. Dariane viveu dias de muita tristeza e perseguição no hospital Conceição, onde pegou Covid-19 e foi julgada por trabalhar na ala dos infectados. Perdeu amigos e parentes. Neste momento mais brando, escolheu refazer a sua vida num local mais tranquilo, mesmo ganhando menos, estando alocada de forma fixa no posto de vacinação, processo este, do seu estágio permanente no Posto de Saúde Modelo.

não poderiam ver e se despedir. E isso os profissionais vão levar consigo por um bom tempo. Vira uma correria e um procedimento, e vamos lá que tem que fechar plantão e tem que entregar. Mas quando o teu corpo descansa, tu pensa em tudo aquilo que tu viveu ali. (DARIANE, 2021).

Dentro disso, trago a reflexão do (SANTOS, *et al.*, 2020, p. 10) a reflexão de que,

As mulheres trabalhadoras da saúde vivem esse dilema, um limiar móvel, que transita do sofrimento pelo que as aprisiona e também as impele a transbordar os próprios limites e experimentar novos possíveis para as forças que as atravessam. Afinal, o trabalho não pode ser a negatividade da vida, mas sim a sua expressão.

Na perspectiva dos corpos que trabalham as marcas da pandemia, a Dariane problematiza questões que implicam em sua vida como mulher e mãe solteira. Em suas palavras,

Pra gente conquistar alguma coisa precisamos trabalhar em dois locais, e por isso colocamos em primeiro lugar a vida financeira. O salário é pouco. Por isso que são poucas pessoas que colocam em primeiro lugar a saúde mental. Nós não somos bem remunerados, por isso temos que trabalhar muito para conquistar as coisas. A carga pesa e tu nem te flagra do que tu estás sentindo. Neste momento, pra minha saúde mental eu resolvi sair do hospital. Eu não tinha nem tempo pra comer. Eu saia de um lugar e ia pra outro em 50 minutos. Estava no Hospital Conceição e chegava direto no plantão e fazia os fechamento das mortes e tinha que avisar familiares. Fazia oito anos que eu não parava. A gente precisa fazer terapia, por isso procurei a escola de estudantes de psicologia, pois estamos fazendo por conta, não tem subsídios para isso, infelizmente. Pois a gente já tem nossas questões emocionais, mais o que estamos vivendo. Isso tudo carrega uma energia que precisa sair. Mesmo sendo um peso, eu gosto de fazer o que faço. (DARIANE, 2021).

Dariene coloca em evidência uma crise de prestação de cuidados, com alto índice de afetados em saúde mental na qual os profissionais de saúde, em especial as mulheres, estão no centro dos esforços de atendimento e respostas (UNITED NATIONS WOMEN, 2020). Através de seu relato, pode-se perceber que Dariene viveu questões de ordem institucional e questões de ordem psicológica atravessadas por esta experiência pandêmica na sua mais alta intensidade, chamado por ela de "carga pesada". Ainda para ela, viver este período traz consigo a condição de ampliar a sua visão do ser humano, mas dilata a sua vocação a profissão, não como uma utopia, mas de forma vivenciada, e dentro disso ela me explica:

Era muito emocionante logo no início quando iniciou a vacinação eles pediam pra tirar foto e vinham com a plaquinha. Agora tu não vê mais tanta gente com as plaquinhas "fora Bolsonaro!" "Imunizado" ou "Viva o sus!" onde as pessoas demonstravam através

do sentimento o que estava escrito. Teve uma ação só com professores que foi muito emocionante. Quando abriu a porta do Posto eles já estavam com a manga levantada. Era difícil ver quem não estava chorando. Eu sou uma pessoa muito emotiva e por mais que estejamos já na terceira dose da vacina a gente se emociona ao ver as pessoas emocionadas. Conseguir atingir todo este número que estamos atingindo, porque foram muitas mortes. É um peso que ainda está acumulado. Aprendi a ter Paciência. Eu ouvi de inúmeros familiares dizendo na fila, “ai, que pena, o fulano não conseguiu” e isso me faz lembrar que estou viva e que fiquei e sobrevivi. Vi a morte de perto, mas sobrevivi. (DARIANE, 2021).

Analisando a ideia de futuro junto das emoções de Dariane, percebo que “é preciso olhar para quem cuida do quê, de quem e em que condições, além de questionar como está o cuidado de quem cuida nessa pandemia” (SANTOS, *et al.*, 2020, p. 3). Como o trabalho de Dariane a impede de viver, por outro lado a potencializa como criadora da sua própria paciência, convivendo com novas possibilidades de vida através da convivência com tantos humanos e necessidades.

## **5 RESULTADOS**

Ao fim do campo, pude perceber que a espera, em muitos casos, torna-se também uma espera por mais clareza, segurança e resultados coerentes, já que o vírus é visto como algo misterioso, estranho e invisível. E esperar, literalmente, a força diligente do Estado coloca os interlocutores de frente para suas fragilidades, inseguranças e, sobretudo, resistências, fazendo com que mais pessoas desconfiem do vírus, ou simplesmente o ignorem, acreditando mais no seu poder individual de pessoa física, da informação direta do grupo de amigos ou, até mesmo, no discurso do presidente, ainda que com os altos índices de mortes.

Esse discurso individualista foi o que me causou mais estranhamento nos primeiros momentos do campo, levando-me a um redirecionamento da pergunta que saiu de “o que significa a espera” para se, de fato, houve uma espera. Isso deslocou a minha primeira noção sobre uma suposta esperança coletiva sobre a vacinação, fazendo-me imergir de forma diferente durante o campo. Ao ouvir os relatos, pude perceber que tomar a vacina mantém uma certa relação com voto de confiança na política do país. Com isso, identifiquei que vacina e política se misturam em um contexto de conflito entre a confiança em si mesmo (individual) e o plano social (coletivo). Ou seja, este conflito, muitas vezes, faz com que cada um olhe para aquilo que ainda pode conservar, o que acaba colocando em segundo plano o posicionamento

dialógico do sujeito social, que olha de/para comunidade. Para tanto, o cuidado coletivo se percebe na segunda instância, preconizando o cuidado individual.

O interessante é que neste momento do estudo, a pandemia dava indícios de maior controle e a sociabilidade junto de seus primeiros passos à normalidade. Neste sentido, após o período de trauma que se instala, as pessoas que passaram por grandes catástrofes pessoais vivenciaram com mais rigor o caos e a angústia da pandemia, não nos primeiros momentos, mas sim após o momento de maior controle do episódio. Dito isso, Dunker (2020, p. 42) ressalta:

Sabe-se que no primeiro tempo de catástrofes coletivas ou de comunidades afetadas por acontecimentos disruptivos de grande impacto psicológico costuma haver um fluxo das chamados de comoção representada pelo fato. Sendo os momentos mais difíceis de atravessar não são necessariamente os primeiros. Muitas vezes é no segundo tempo, quando a situação porventura se “normalizou” do ponto de vista da rotina social, que incide a maior valência patológica. Pesquisas em torno dos efeitos psíquicos de quarentenas erguidas por ocasião da epidemia do ebola ou do H1N1 mostram que efeitos deletérios podem vir mesmo depois de três anos do fim do isolamento.

Portanto, muito embora a possibilidade do contexto da esperança tenha sido uma das hipóteses da gênese do problema de pesquisa, este sentimento foi um dos menos comentados. Ou seja, existe maior sentimentos de resistência à vacinação, angústia e ansiedade do que de esperança e fé, que circunscreve a gênese da palavra “espera”. E foi a partir de então, que os resultados do campo começam a se revelar nesta experiência inédita de pandemia. De modo geral, os modelos alternativos e remotos, ganharam maior “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) para aqueles que, em sua maioria de camadas médias, tiveram a alternativa de configurar uma espécie de esquema de sobrevivência no espaço interno da casa.

Visto isso, o ambiente doméstico se colocou como o principal lugar de segurança, estabelecendo maior conflito com o espaço público e com aqueles que estavam na linha de frente. Como aconteceu com Dariane que frequentemente se viu potencializando seu estado de angústia sendo atravessada constantemente pela ideia do risco. Já que a maioria das pessoas na pandemia, tiveram os sintomas psíquicos piorados, em função do aumento de tensão e conflito social (DUNKER, 2020). E para a Dariane não foi diferente, em lidar com a tensão do luto e da morte de perto.

Já o relato de Rosa ajuda a pensar esta dilaceração de sentidos do Estado, alimentada pela falta de cuidado, destacado pelo período de Julho à Agosto de 2021, momento este, em que Rosa é contaminada pela segunda vez, pela Covid-19, mesmo após ter tomado a segunda dose, em Julho de 2021. Este desdobramento, leva o vírus para dentro de sua casa e infecta toda a sua família. Desde filho, mãe idosa e cuidadora da mãe. Em contato com a reflexão de Rosa sobre a sua categoria profissional, é percebida a

sua extrema preocupação em colocar em risco a sua própria vida e a de seus familiares, que dependem exclusivamente dela. E por que Rosa se coloca neste lugar? Pois Rosa necessita deste trabalho para sustentar a família toda. Fazendo com que o desrespeito institucional governamental não traga uma resposta imediata, a levando em um circuito de vulnerabilidade e precarização.

Dona Regina destaca que ao estar somente em casa e sozinha, sem contato com o ambiente público, sentiu que não precisava se vacinar. Ademais, como visto nos relatos de Fabrício e Dona Regina, tomar a vacina tem o objetivo de regularizar algum protocolo para não ser impedido de trabalhar, viajar – pegar ônibus, avião, passar a fronteira – ou entrar em algum local social reservado. Diferente disso, não é o natural, como traz Fabrício, pois ele entende que se vacinar é algo superestimado. Sua postura revela uma polarização política que constantemente coloca a maioria dos brasileiros em um posicionamento binário dentro do contexto da pandemia.

Desse modo, a partir da descrição do campo neste trabalho, em meio ao espaço da fila de vacinação, pude então construir categorias sociais mais amplas da metáfora deste caminho. Num processo comparativo entre os interlocutores, através das categorias escolhidas, o que me ajudou a interpretá-los. Para tanto, elaborei a tabela abaixo, fruto da minha observação das perspectivas emocionais e agentivas destes interlocutores e suas emoções.

**TABELA 1: Quadro comparativo**

Interlocutores	Significado da “Espera”	Implicações na narrativa biográfica	Futuro pós-vacina
Rosa	Raiva e vulnerabilidade	Visão da marginalização da profissão (risco)	Angústia e entendimento do descaso das práticas do Estado
Fabrício	Resistência e individualismo	Insegurança do quê e em quem confiar (desconfiança)	Regularização de protocolos e nova profissão
Dona Regina	Solidão e desconhecimento	Isolamento doméstico e dependência	Liberdade e encontro com sua origem (família e fronteira)
Dariane	Solidariedade e Angústia	Intolerância e rejeição da rede de cuidados e amigos (peso)	Ética, emoção e pertencimento histórico

**Fonte: A autora (2021)**

Neste sentido, o que consegui concluir parcialmente, a partir do circuito da etnografia da “espera”, é que existe uma crise da falta de reflexão sobre o cuidado coletivo no cenário da pandemia. Já que mesmo no panorama de vacinação universal, como mobiliza Manuela Cunha e Jean-Yves Durand (2008), as narrativas não são unificadas, devido as condições sociogeográficas e ideológicas que se impõem,

trazendo uma configuração fragmentada, implicada por informações desconexas – frequentemente vindas do atual governo – fazendo com que os atores se coloquem em dúvidas sobre a escolha de se vacinar.

Com isso, a vacinação da Covid-19 traz de volta o tema da ética para o debate contemporâneo, como traz (SANTOS, *et al.*, 2020) sendo percebida uma crise de valores. Entretanto, foi percebido que o alinhamento de regras mais rígidas dos protocolos de empresas e regimentos internos para volta presencial ao trabalho, aumentou o nível de pessoas passíveis a tomar a vacina. Dentro disso, prevalece a ação de se vacinar para execução de uma profissão ou esse ato é consolidado para usufruir/consumir determinado serviço. Fazendo com que isso se sobressaia, em detrimento ao dever cívico e bem coletivo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo ajudou a revelar um conflito entre o cuidado individual e coletivo. Nesse sentido, o trabalho executado instiga a refletir sobre a questão da pandemia de Covid-19 por meio de circuitos metafóricos, pelos quais a “alteridade viral” é concebida como inimiga ou simplesmente ignorada, trazendo a sensação de angústia e descaso, junto da marginalização de profissões que estão na linha de frente.

Buscar compreender a lógica que evidencia a metáfora deste caminho de “espera”, assim como uma antiespera e uma certa resistência à vacina, é algo que não havia sido previsto na entrada do campo, já que, em minhas formulações prévias, não imaginei evidenciar este comportamento como resultado em uma etnografia na fila da vacinação. Mas “a espera” mais pareceu um lugar de resistência à pandemia e, sobretudo, à vacinação, do que um lugar de esperança, dilatando o papel da fila como um lugar de contorno para mobilizações e inquietações.

É importante complementar que este estudo também me mobilizou como pesquisadora e agente de produção de pesquisa, a fim de desenvolver mais desdobramentos sobre o tema, compartilhando interpretações desta “espera”, produzidas por estes efeitos políticos da pandemia e atravessados por narrativas de vida. Espero que novos estudos possam expandir as discussões aqui elaboradas.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Fabio Lopes; SCHROEDER, Tânia Maria Rechia; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Resenha: Os efeitos da pandemia no cotidiano dos brasileiros: um olhar a partir da sociologia e antropologia das

emoções. **Revista Latinoamericana de Estudios Sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, Argentina, v. 13, n. 36, p. 89-81, ago. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

CASTRO, Rosana. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-5, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312021310100>.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos [org.] **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa / FAPERJ, 2011.

CUNHA, Manuela; DURAND, Jean-Yves. **Nas fronteiras do corpo, do saber e do Estado: Vacinação e sociedade**. In: CUNHA, Manuela; CUNHA, Luís (org.). **Intersecções ibéricas: margens, passagens e fronteiras**. Lisboa: 90° Editora, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55608534.pdf>. Acesso em: 16 out. 2021.

DAMATTA, Roberto Augusto; Oliveira, Alberto Santos Junqueira. **A fila e a democracia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

DAS, Veena. Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, Reflexões na Pandemia, pp. 1-8, 2020.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020. recurso digital.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso**. Trabalho apresentado na reunião anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

FRANCO, Túlio Maia. COVID-19 e suas metáforas. **Ponto Urbe**, [S.L.], n. 27, p. 1-19, 28 dez. 2020. OpenEdition. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/pontourbe.9546>.

GAMA, Jane Borralho. **A metáfora do caminho: uma investigação fenomenológica existencial na clínica**. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

GEERTZ, Clifford James. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. (Col. Antropologia Hoje).

MOURA, Jorge Baptista de Sousa. **Etnografia da sala de espera: o caso particular de radiologia do Hospital São José**. 2005. 195 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Políticas de Administração e Gestão de Serviços de Saúde. Universidade de Évora, Évora, 2005.

ROCHA, Luiza; ECKERT, Cornélia. **Etnografia da duração**. Porto Alegre: Marcavizual editores, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, Gabriela de Brito Martins; LIMA, Rita de Cássia Duarte; BARBOSA, Jeanine Pacheco Moreira; SILVA, Mayara Ciciliotti da; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 1-13, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00300>.

UNITED NATIONS WOMAN. **Annual Report 2019–2020**. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/06/annual-report-2019-2020>. Acesso em: 16 nov. 2021.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.